

FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

HELOISA HELLEN DE SOUZA SILVA

**DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE EM TORNO  
DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.**

MOSSORÓ/RN  
2021

HELOISA HELLEN DE SOUZA SILVA

**DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE EM TORNO  
DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.**

Monografia apresentada à  
Faculdade de Enfermagem Nova  
Esperança de Mossoró com  
exigência para obtenção do título  
de Bacharel em Educação  
Física.

Orientador (a): Prof. Alberto Assis  
Magalhães.

MOSSORÓ/RN  
2021

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró/RN – FACENE/RN.  
Catalogação da Publicação na Fonte. FACENE/RN – Biblioteca Sant'Ana.

S586d Silva, Heloisa Hellen de Souza.

Discussões sobre gênero, corpo e sexualidade em torno das práticas esportivas: uma revisão integrativa / Heloisa Hellen de Souza Silva. – Mossoró, 2021.

33 f. : il.

Orientador: Prof. Esp. Alberto Assis Magalhães.

Monografia (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró.

1. Gênero. 2. Corpo. 3. Sexualidade. 4. Práticas esportivas. I. Magalhães, Alberto Assis. II. Título.

CDU 796

HELOISA HELLEN DE SOUZA SILVA

**DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE EM TORNO  
DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.**

Monografia apresentada à Faculdade de Enfermagem  
Nova Esperança de Mossoró - FACENE/RN - como  
requisito obrigatório para obtenção do título/do grau de  
bacharel em Educação Física.

ORIENTADOR (A): Prof. Alberto Assis Magalhães

Aprovado em 03 / 12 / 2021

Banca Examinadora

---

Prof. Alberto Assis Magalhães - Orientador  
Faculdade Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN

---

Prof. Geovan Figueiredo De Sá Filho  
Faculdade Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN

---

Prof<sup>a</sup>. Ana Karollyne Queiroz De Lima  
Faculdade Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Raimundo Marques e Maria Rozileide, por todo apoio prestado e por toda abdicação feita pra que este sonho pudesse se realizar e por acreditarem tanto em mim.

A minha avó, Rita Silvestre, que foi essencial nessa conquista e sempre me ajudou para que eu fosse a primeira neta e integrante da família a possuir um diploma.

A minha tia Edna (in memorian), que orou e torceu muito para que eu pudesse chegar até o presente momento. Espero que esteja me acompanhando de onde estiver.

Ao meu anjo protetor, meu avô Dezinho (in memorian) que sempre ouviu minhas preces, glórias e também lamentações, que foi meu diário por toda a graduação e, principalmente, no processo de realização deste trabalho de conclusão.

É e sempre será tudo por vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela oportunidade que me foi dada e por tantas experiências vividas, sendo boas ou ruins, mas com muito aprendizado que me fizeram ser quem sou e chegar até aqui;

Aos meus pais, que travaram lutas diárias para que eu conseguisse alcançar meus objetivos;

Ao meu orientador, Alberto Assis, por toda ajuda e apoio ofertado não somente na realização deste trabalho, como em todo o curso;

Ao meu noivo, Ivan Neto, por tanta compreensão, companheirismo, cuidado e apoio durante a realização desse trabalho;

As minhas tias Meire, Rejane, Regineide e Rose, por acreditarem tanto em mim.

Aos meus amigos e amigas que, mesmo um pouco distantes, nunca deixaram de me apoiar;

Aos docentes que passaram pelo curso de Educação Física, por todo conhecimento transmitido e contribuição na minha bagagem de conhecimento;

Todos esses foram muito importantes nesse processo e, por isso, este trabalho tem um pouco de cada um.

“Educação Física ensina através do corpo o que você não é capaz de dizer com palavras ou explicar em números.”

(Grazielle Dias)

## RESUMO

Este trabalho vem tratar das discussões a respeito de gênero, corpo e sexualidade nas práticas esportivas. Levando em consideração que essas práticas estão presentes na sociedade desde a antiguidade, porém, com outras perspectivas, como de sobrevivência, onde haviam a segregação dos gêneros que poderiam praticá-las, tendo em vista que, as mulheres eram tidas como sexo frágil e tinham funções distintas dos homens. Com o decorrer dos anos, mesmo com a progressão da sociedade, algumas ideias e valores passados persistiram e estão presentes em diversos âmbitos, incluindo a educação física, tanto no seu viés escolar quanto esportivo. Assim, o trabalho propõe o estudo mais detalhado, com o intuito de expandir as reflexões e o tema possuir mais visibilidade, tendo com objetivo geral, analisar as discussões de gênero, corpo e sexualidade em torno das práticas esportivas. Este é um trabalho de pesquisa bibliográfica, integrativa e de cunho qualitativo, que tem como principais referenciais teóricos as discussões de Foucault e Louro (2003), assim como artigos, que foram selecionados e analisados acerca do respectivo tema, auxiliando nos resultados do trabalho que, por sua vez, reafirmaram a tamanha relevância de tais assuntos no âmbito esportivo, tendo grande influência no desenvolvimento social dos praticantes e a infelicidade de essas discussões não terem a devida valorização, sendo por muitas vezes silenciadas.

**Palavras Chaves:** Gênero; corpo; sexualidade; práticas esportivas.



## **ABSTRACT**

This work deals with discussions about gender, body and sexuality in sports practices. Taking into account that these practices have been present in Society since antiquity, however, with Other perspectives, such as survival, Where there was a segregation of the weaker sex and had functions distinct from men. Over the Years, even with the progression of society, some ideas and past values persisted and are present in various areas, including physical education, both in terms of school and sports. Thus, the work proposes a more detailed study, in order to expand the reflections and the topic to have more visibility, with the general objective to analyze the discussions of gender, body and sexuality around sports practices. This is a bibliographic, integrative and qualitative research work, whose main theoretical references are the discussions by Foucault and Louro (2003), as well as articles, which were selected and analyzed on the respective theme, helping the results of the work that, in turn, reaffirmed the great relevance of such matters in the sports field, having a great influence on the social development of practitioners and the unfortunate fact that these discussions are not properly valued being silenced.

**Keywords:** Gender; body; sexuality; sports practices.

## Sumário

1	INTRODUÇÃO .....	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	13
3	METODOLOGIA.....	19
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31
6	REFERÊNCIAS .....	32

## 1 INTRODUÇÃO

As práticas corporais sempre fizeram parte da humanidade, desde os períodos mais remotos da civilização, sendo utilizadas com um caráter utilitário onde se treinavam as capacidades físicas para a sobrevivência, assim como utilizavam os seus corpos para manifestar os seus sentimentos e emoções através de rituais.

Não tem como pensar nas práticas esportivas e corporais nesse período da história sem pensar na participação feminina sendo que, de acordo com Oliveira, Cherem e Tubino (2008, p. 118) “[...] nos tempos primitivos o esporte ao confundir-se com os rituais religiosos e de caça já envolvia a participação da mulher ao ajudar a combater uma presa para o abate”. Ainda de acordo com autores citados, por mais que as mulheres participassem dessas práticas corporais, as suas atividades eram distintas das dos homens, assim como também haviam algumas limitações nas práticas esportivas que perduraram por muitos anos e ainda visualizamos no cenário atual.

A história é marcada por diversas lutas das mulheres, sendo uma delas o direito de praticar esportes. Uma luta política que percorre o século XX e estende-se até os dias atuais (ALTMANN, 2015). Em relação à participação da mulher em esportes, é perceptível que ainda há muitos estereótipos.

De acordo com Cruz e Palmeiras (2009, p. 116) “as instituições, escola e família, são consideradas as principais responsáveis pela construção e/ou reprodução de conceitos equivocados, ou melhor, valores estereotipados acerca das questões de gênero”. Referente ao esporte de alto rendimento nota-se uma desvalorização da mulher em algumas práticas que até pouco tempo eram consideradas como “esporte de/para homem”, como é o caso do futebol, sendo reproduzidos estereótipos que são pregados com base em discursos machistas e heteronormativos que são compartilhados em diversos segmentos sociais.

Adentrando no âmbito escolar, no que se refere à disciplina de Educação Física, percebemos que em algumas aulas há uma distinção entre as práticas esportivas que são realizadas por meninos e meninas, que de acordo com Cruz e Palmeiras (2009, p. 117),

[...] a Educação Física muitas vezes auxilia na consolidação destes conhecimentos deturpados, pois há inculcido na sua cultura, a pseudo-superioridade masculina, devido aos meninos apresentarem maior desenvoltura no desenvolvimento de atividades físicas. Entretanto, sabe-se que tais diferenças provêm de um maior repertório motor dos meninos, em consequência do maior número de vivências realizadas por eles.

Destaca-se aqui, que há a necessidade de reflexão e discussão sobre as questões de gênero e sexualidade no esporte no âmbito da educação física para que haja igualdade nas vivências esportivas. Para iniciar essa reflexão, elenque-se a seguinte questão: Qual o lugar ocupado pelas discussões de gênero, corpo e sexualidade nas práticas esportivas?

Sendo assim, elencamos como objetivo geral dessa pesquisa, analisar as evidências temáticas em artigos científicos sobre as discussões de gênero, corpo e sexualidade em torno das práticas esportivas. Tendo os seguintes objetivos específicos, verificar estratégia de busca através de fluxograma em levantamento em base de dados escolhidos; identificar através do levantamento em base de dados quais as principais evidências na literatura sobre o lugar ocupado pelas discussões de gênero, corpo e sexualidade nas práticas esportivas; observar a avaliação metodológica, resultados e conclusões dos estudos selecionados.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para iniciar as nossas discussões, primeiramente afirmamos que há a necessidade de falar sobre sexo e sexualidade em todos os âmbitos da sociedade. Visto que falar sobre sexo durante muito tempo foi um “tabu” que aos poucos foi sendo desconstruído. De acordo com Foucault (1988, p. 27),

deve-se falar sobre sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e ilícito [...], cumpre-se falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos [...].

Discutir sobre sexo publicamente em alguns lugares, ainda é algo que vai contra alguns costumes que prezam “a moral”, acontecendo assim uma tentativa de repressão e sufocamento de tais discussões, buscando-se sempre defender essa certa “moral”.

Alguns desses costumes pregados socialmente são pautados em princípios machistas e heteronormativos que são compartilhados em diversos espaços sociais, inclusive se não houver uma criticidade de professores sobre esses aspectos, a escola acaba sendo espaço para reprodução de tais princípios onde as discussões sobre sexo, corpo e gênero acabam sendo sufocadas.

Há um processo de filtração, seleção das palavras, como apontado por Foucault, (1988), no contexto do século XVII sobre a repressão das discussões sobre sexo. O autor acima citado fala no contexto de séculos passados, mas as suas discussões tornam-se cada vez mais atuais, pois por mais que tenha havido quebras de alguns paradigmas dominantes, nem todas as discussões são aceitas, sobretudo as que estão relacionadas com o gênero e sexualidade.

Porém há a necessidade de transgredir os discursos tradicionais, muitas vezes provenientes da religião e reafirmados por ela. Há a necessidade de transgredir dos pensamentos que aprisionam o homem e disciplinam o seu corpo, visto que esses pensamentos também são formas de dominação. Esse processo de disciplinarização do corpo visa à transformação dele enquanto um corpo dócil, no sentido de diminuir as suas forças políticas e o tornar mais obediente (FOUCAULT, 1987).

Como afirma Louro (2000), na medida em que a sociedade se preocupa com mais ênfase sobre a vida de seus membros, presando pela uniformidade da

moral, da prosperidade da economia, da higiene e da saúde, ela também se preocupa em disciplinar os corpos e, com isso, a vida sexual dos seus indivíduos. Sendo que o corpo ganha sentido socialmente, e é socialmente que a inscrição de gênero masculino ou feminino é feita nos corpos dentro do contexto de determinada cultura, carregando assim as marcas da mesma.

Referente ao conceito de gênero, podemos dizer que o mesmo é um constructo social, que de acordo com Scott (1995), está relacionado diretamente com as ideias das funções e papéis que são específicas aos próprios homens e as mulheres, sendo ele, uma categoria imposta sobre um corpo sexuado. Segundo Connell (1995, p. 189) *apud* Louro (2004), nas questões de gênero, as práticas sociais dirigem aos corpos, num sentido de se referir como as características sexuais são pensadas e representadas, ou como são inseridas a fazerem parte do processo histórico. Gênero, de acordo com Plaza (2004, p.39), “é uma maneira de implicar o corpo no político. Gênero é uma estilização do corpo. Não a anatomia, mas o discurso que se organiza em torno dela”.

Considerando a história, percebemos que sempre houve um domínio e controle do corpo feminino por parte do masculino, sendo-o “marginalizado” em relação aos aspectos que dizem respeito às decisões da vida em sociedade, evidenciando e justificando essa superioridade pelas capacidades físicas, pelo aspecto biológico.

Segundo Louro (2000), os padrões de privilégio sexual masculino não foram totalmente desconstruídos, mas há fortes indícios de que esses não são imutáveis. Ainda de acordo com a autora citada, por mais que a dominação masculina permaneça quase que de forma hegemônica na sociedade, as mulheres vêm mostrando-se cada vez mais ativas no processo de definição das suas próprias necessidades.

Em relação a essa ideia de subordinação de gênero, não se trata apenas referente ao masculino e feminino. De acordo com Evangelista, Machado e Franco (2020), é possível exemplificar essa subordinação a partir da noção de superioridade referente aos homens brancos heterossexuais quando comparados às mulheres e aos negros e gays. Dito isto, trazemos os apontamentos de Louro (2000), quando a mesma fala que a sociedade se organiza pautada em divisões e classificação dos sujeitos de acordo com o seu gênero, raça, etnia e comportamento sexual, atribuindo juízo de valor,

marginalizando, subordinando, renegando e discriminando em relação aos outros.

Mesmo com grandes avanços nos debates sobre gênero e sexualidades na última década, ainda há a necessidade de refletir sobre essas questões, inclusive, dentro do espaço escolar, espaço esse que se configura como apropriado para tais discussões por contribuir de forma significativa na formação humana e cidadã de crianças e adolescentes. De acordo com Louro (2000) as discussões em torno dos temas corpo, gênero e sexualidade, ganham espaços para se estabelecerem dentro do ambiente escolar.

Como apontado por Nicolino, Paraíso (2017), um componente curricular que se torna um grande aliado para se tratar de questões de sexualidade e gênero é a Educação Física, por trabalhar diretamente com corpo e suas práticas. Podendo contribuir de forma efetiva para a reflexão desse tema, assim como também pode reproduzir e reafirmar alguns preconceitos de gênero caso não haja reflexão por parte do professor e isso implica diretamente no tipo de formação que esse docente recebeu<sup>1</sup>. Como Duarte, Castro, Nascimento (2021) apontam que, o processo de formação é algo contínuo, que não se define apenas pela graduação, necessita de atualizações frequentes de assuntos da contemporaneidade, para a ampliação da bagagem de conhecimento, para que questões como essas sejam trabalhadas com visões de mundo do presente, utilizando o passado apenas como referência e exemplo. Já que nos primórdios das organizações esportivas havia a exclusão do sexo feminino e estas eram sempre subordinadas aos homens.

Nos primórdios das organizações esportivas havia a exclusão do sexo feminino e estas eram sempre subordinadas aos homens. Na primeira edição dos jogos da modernidade, não houve nenhuma participação feminina, porque alguns dos seus idealizadores não consideravam os jogos como apropriados para as mulheres, e sustentavam a ideia de não inclusão das mulheres na competição por acharem que iriam desonrar e vulgarizar um ambiente que era cheio de honras de conquistas. Sendo que, um dos principais idealizadores dos jogos da modernidade acreditava que era um local adequado apenas para os homens, por representar questões que estavam relacionadas a força, virilidade, coragem e masculinidade, excluindo a mulher das práticas esportivas, deixando-

a apenas com a função de coroar os vencedores, mas era proibida de “macular” os jogos com o seu suor (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008).

A desaprovação da participação das mulheres em competições esportivas sustentava-se em argumentos baseados na fragilidade feminina, na ideia de que os esportes poderiam machuca-las, masculinizá-las ou comprometer suas funções reprodutiva e materna (ALTMANN, 2015, p.41).

Percebemos que as discussões sobre gênero e sexualidade na Educação Física não é algo que surgiu a pouco tempo, como afirmamos anteriormente. Nas últimas décadas, as discussões sobre esse tema tem se fortalecido cada vez mais, alcançando diversos âmbitos da sociedade e a Educação Física como área de conhecimento que lida com a cultura corporal do movimento, assim como se debruça sobre os estudos relacionados ao corpo, tem se voltado para refletir as questões de gênero e sexualidade no âmbito das práticas corporais, passando a ressignificar o conceito de corpo que, até alguns anos atrás, estava direcionado apenas para as questões biológicas.

De acordo com Saraiva (2005), a Educação Física pode contribuir para o conhecimento de gênero e sexualidade por meio das práticas corporais atuando de forma coeducativa, utilizando de ferramentas que instiguem os sujeitos a pensarem sobre forma de enfrentamento das injustiças que são impostas socialmente.

Dentro do âmbito da Educação Física, muitas vezes os corpos são classificados de acordo com as significações sociais que os atravessam, pautados numa perspectiva tradicional de ensino e que categoriza as práticas corporais, havendo assim uma divisão das práticas de acordo com o gênero.

De acordo com Altmann (2015, p.24)

durante muito tempo e em algumas instituições de ensino ainda hoje, meninos e meninas foram separados para as aulas de educação física. O caráter prático da disciplina, o fato de ela lidar com o corpo, compreendido a partir de sua perspectiva biológica, a organização feminina e masculina da maioria das competições esportivas e as diferenças de habilidades entre meninos e meninas têm justificado sua separação nas aulas.

Essa divisão das práticas corporais por gênero na Educação Física, é fruto dos discursos sociais, assim como também têm as suas raízes



marcadas desde sua gênese, na perspectiva médico-higienista trabalhando dentro de uma perspectiva de segregação de gênero.

Também é preciso refletir sobre tais questões dentro do âmbito escolar, sendo que muitas vezes esse é o espaço onde meninos e meninas tem contato direto com o esporte e que carregará vestígios dessa vivência para a sua vida adulta. Nesse sentido separar os meninos e meninas nas aulas de Educação Física, apresenta-se como uma metodologia falha, pois não está trabalhando com a socialização de todos os alunos na aula, assim como está reforçando a ideia de que meninas e meninos devem realizar atividades diferentes.

Auad e Corsino (2017), afirmam que essa separação nas aulas de Educação Física é prejudicial para o aprendizado, assim como também para o desenvolvimento motor, pois a partir do momento que os professores separam 20 minutos para os meninos jogarem futsal e 20 minutos para as meninas jogarem vôlei ou queimada, não está acontecendo a interação, assim como os estímulos motores serão diferentes.

Pessoas de ambos os sexos são capazes de realizarem as mesmas tarefas motoras, não deve haver uma prática exclusiva para meninos e uma exclusiva para meninas. “A vivência do esporte e a educação do corpo que precede e lhe é concomitante têm início na infância e ocorrem de modo significativamente distinto para meninos e meninas brasileiros” (ALTMANN, 2015, p. 29). Finco (2010, p.123) vem corroborando com esse pensamento quando a mesma aponta que

os brinquedos que são oferecidos às crianças também estão carregados de expectativas, simbologias e intenções. As expectativas em relação à diferença de comportamento que se deseja para o menino e para a menina, justificadas pelas diferenças biológicas, acabam proporcionando distintas vivências corporais e determinando os corpos infantis: meninos e meninas têm no corpo a manifestação de suas experiências.

Dito isto, Cruz e Palmeiras (2009), afirmam que esse tratamento diferenciado, vai implicar diretamente também em um desempenho motor diferenciado. Isso não implica dizer que o sexo masculino é superior ao feminino nas práticas esportivas, a única diferença está nos estímulos diferentes que ambos receberam.

Sendo assim, há a necessidade de desconstruir a ideia de que determinada prática esportiva é destinada para mulher e outras são específicas para homens. As práticas corporais da Educação Física não estão para homens e nem para mulheres, estão para o corpo. Corpo esse que necessita vivenciar todas as manifestações da cultura corporal do movimento, seja nas lutas, esportes, danças, jogos ou ginástica. Sendo assim, há a necessidade de reflexão por partes dos professores e profissionais de Educação Física, para inserir as discussões de gênero e sexualidade dentro da sua prática profissional, contribuindo assim, para que haja um rompimento nos discursos hegemônicos de que os esportes não são para as mulheres, assim como as danças não são para os homens.

### 3 METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma revisão integrativa, a qual determina o conhecimento atual sobre uma temática específica, já que é conduzida de modo a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada uma busca bibliográfica desenvolvida a partir de uma problemática relacionada ao tema proposto, qual seja: “refletindo sobre gênero e sexualidade nas práticas esportivas”, por meio da Biblioteca Virtual de Saúde, com acesso a base de dados: Portal de Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Portal Capes e SciELO. O norteamento foi possível através da combinação dos descritivos “Gênero” AND “Sexualidade” AND “Corpo” AND “Esportes” AND/OR “Educação Física”.

Para a seleção do material que compõe essa pesquisa, traçamos como critério de inclusão as produções científicas que atendam os seguintes os pré-requisitos: (1) estudos descritivos que se relacionem com as questões de gênero, corpo e sexualidade nas práticas esportivas; (2) artigos voltados para a área da Educação Física; (3) trabalhos em Português; (4) estudos publicados de 2017 a 2021. Depois de definido os critérios de inclusão, elencamos os critérios de exclusão, sendo que, foram excluídos, resumos, teses, monografias, dissertações, livros e revisões sistemáticas.

Logo após a identificação dos artigos na base de dados, foi realizada a seleção, partindo da ordem: exclusão duplicatas dos estudos pelo título e a exclusão pela leitura dos resumos dos artigos. Os trabalhos resultantes foram lidos na íntegra e analisados, minuciosamente, a fim de atender os critérios propostos e contribuindo com o estudo em questão.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A princípio, com as pesquisas feitas levando em consideração os descritores utilizados e os critérios de inclusão e exclusão, foram encontrados 12.466 artigos através das bases de dados. No Portal de Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e no Scielo, só foram encontrados estudos referentes ao assunto quando se utilizou o operador booleano “OR”, com um total de 5 e 8 artigos, respectivamente, mas nenhum foi selecionado; na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando a primeira combinação de descritores foi encontrado 1 artigo e com a segunda 5, mas não foram selecionados; no Portal Capes, na primeira pesquisa foram encontrados 110 artigos, sendo selecionados 17, contendo 5 deles que estavam indexados também na plataforma Scielo, mas levando em consideração os critérios de exclusão por duplicata, iremos utilizar os presentes no Portal Capes, na segunda pesquisa, com o operador “OR” foram encontrados 12.448, porém, notou-se que eram os mesmos já selecionados anteriormente e, seguindo os critérios, foram dispensados, não entrando na contagem total de artigos utilizados. Para melhor exemplificar, organizamos essas informações na tabela a seguir.

Tabela 01. Detalhamento da busca e seleção dos artigos nas bases de dados.

<b>Descritores</b>	Portal Capes		Scielo		LILACS		BVS	
	Enc.	Sele.	Enc.	Sele.	Enc.	Sele.	Enc.	Sele.
Gênero AND Sexualidade AND corpo AND Esportes AND Educação Física	110	16	0	0	0	0	1	0
Gênero AND Sexualidade AND corpo AND Esportes OR Educação Física	12.338	0	8	0	5	0	5	0
<b>TOTAL</b>	<b>12.448</b>	<b>16</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>0</b>	<b>6</b>	<b>0</b>

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2021.

Os 17 artigos selecionados, foram lidos na íntegra, analisados e organizados, levando em consideração o ano de publicação, autores, título do artigo, sua metodologia e os resultados, sendo apresentados na tabela abaixo.

Tabela 02. Descrição dos estudos selecionados para compor o *corpus* dessa pesquisa.

<b>Ano/Autor</b>	<b>Título/Plataforma</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Resultados</b>
DUARTE, CASTRO, NASCIMENTO. (2021)	Gênero, sexualidade e formação em Educação Física: percepções de professores e alunos em um projeto na escola. (Portal Capes)	Apresentar e discutir as percepções de alguns professores e professoras da educação básica e alunos(as) (jovens e adolescentes) envolvidos em um projeto que tematizou gênero e sexualidade na escola.	A pesquisa é exploratória e a intervenção do projeto foi realizada em escolas públicas, municipais e estaduais, com os professores e alunos, através de uma roda de conversa sobre as relações de gênero, sexualidade e assuntos relacionados.	Com o projeto, foi possível compreender que debates acerca do assunto, em especial na área da Educação Física, são muito importantes e necessários, principalmente no processo de formação.
DEVIDE, Fabiano. (2018)	Educação Física e sexualidade: desafios educacionais. (SciELO)	Analisar e problematizar as relações entre Educação Física e sexualidade, incluindo os grandes desafios enfrentados no processo de ensino.	Foi realizado um levantamento bibliográfico de estudos sobre Educação Física e Sexualidade entre 2001-2015, e em trabalhos do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.	Afirma a relevância de se trabalhar as questões de sexualidade, que ainda são invisibilizadas dentro do âmbito da Educação Física.
NICOLINO, PARAÍSO. (2018)	Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação	Identificar o que a área vem produzindo sobre o tema e os efeitos desses saberes	Análises de teses e dissertações referentes a sexualidade desenvolvidas	O silêncio se apresenta como forma de educar, devido a falta de conhecimento acerca do assunto em questão, que está

	Física. (Portal Capes)	no processo ensino-aprendizagem no ambiente escolar.	nos cursos de doutorados e mestrados em Educação Física do Brasil, concluídas até o ano de 2014.	refletido no processo de formação docentes.
JACOBY, GOELLNER. (2020)	A Educação Física em uma escola militar: de turmas separadas por sexo e por altura a turmas mistas. (Portal Capes)	Descrever o processo de transição de turmas separadas por sexo e por altura, para turmas mistas nas aulas de Educação Física, do sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental do Colégio Militar de Porto Alegre.	Pesquisa por produção de fontes mediante a realização de entrevistas. Sendo entrevistados três professores e uma professora de Educação Física.	As aulas mistas são importantes e essenciais para o processo de desconstruir práticas e representações que, fundamentadas pelo discurso biológico, promovem desigualdades entre alunos e alunas no contexto da disciplina Educação Física.
GARCIA, BRITO. (2018)	Performatizações Queer na Educação física escolar. (Portal Capes)	Problematizar como eram as relações de gênero e sexualidades nas aulas de Educação Física de uma escola municipal do Rio de Janeiro, com destaque para relatos da participação de um menino estudante que não se enquadrava nas normas binárias de gênero.	Pesquisa descritiva e de caráter qualitativo, tendo como sujeitos do estudo crianças estudantes do 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal, sendo 13 meninos e 15 meninas, com idades entre 6-7 anos.	Com a pesquisa, foi possível notar que há lacunas na formação docente, em especial a falta de discussões sobre gênero e sexualidade, o que contribui para a naturalização de discursos tradicionais, biologicistas, sexistas e heteronormativos.
AUAD, CORSINO. (2018)	Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física	Debater elementos cruciais das relações entre educação, gênero e raça, a	O estudo se fundamenta em pesquisas bibliográficas e de campo	Afirma que importa que se assumam, na escola, um cotidiano que reelabore repetidamente diferentes estratégias,

	a Escolar. (Portal Capes)	partir da teorização de conceitos que integram, numa unidade, gênero, classe, raça e orientação sexual.	acerca do tema em questão.	considerando as formas de organização dos alunos, buscando motivar e lidar com conflitos que possibilitam o questionamento das dissimetrias baseadas em gênero, raça, orientação sexual e classe.
SO et al. (2021)	Gosto, importância e participação de meninas e meninos na Educação Física no Ensino Médio. (Portal Capes)	Compreender a influência do marcador gênero, as relações dos estudantes de Ensino Médio com a Educação Física, que levantou informações de gosto, importância e participação na disciplina Educação física, a partir de aplicação de questionário.	A pesquisa é descritiva e exploratória, com técnica de documentação direta, usando como instrumento de coleta de dados um questionário estruturado com 17 questões, tendo como participantes 182 discentes do Ensino médio, sendo 94 masculino e 88 feminino.	Perceberam que meninos atribuem maior importância e participam mais do que as meninas, mas, não é o mesmo para as meninas, pois os docentes podem problematizar a desigualdade e ajudar a instituir uma Educação Física com equidade de gênero, dificultando a participação.
NASCIMENTO, Carolina. (2018)	Os significados das atividades da cultura corporal e os objetos de ensino da Educação Física.	Conceituar acerca dos objetos de ensino da Educação Física a partir de uma compreensão histórico-cultural das práticas corporais	Foram identificados e sistematizados os significados das atividades da cultura corporal, com a análise de episódios históricos e a análise dos conhecimentos pedagógicos.	As teses do autor a respeito do que se foi abordado foram defendidas, porém, persiste a ideia da elaboração de novas pesquisas em busca de respostas que não ficaram claras, como a da questão "o que ensinamos em Educação Física".
MARTINS, SILVA. (2020)	Incorporar meninas nas aulas de esporte: pensando possíveis articulações entre os estudos de	Refletir sobre como os dispositivos de gênero e sexualidade regulam práticas,	Pesquisa bibliográfica, tendo como base central estudos que discorrem sobre as	As reflexões contribuem para iluminar campos de possibilidades, afim de notar a intersecção dos diferentes marcadores,

	gênero e a pedagogia do esporte. (BVS)	discursos e corpos no esporte, produzindo uma gramática esportiva hegemônica e suas possíveis problematizações.	desigualdades existentes entre mulheres e homens.	possibilitando compreender que não há padronização possível no ambiente educativo, seja ele formal ou informal.
SOARES et al. (2018)	Performatividades de gênero e a abjeção dos corpos de mulheres no levantamento de peso.	Analisar as experiências de gênero, a abjeção dos corpos e as agências de mulheres atletas do levantamento de peso.	Pesquisa qualitativa e de campo, utilizando observação sistemática em um centro de treinamento de uma equipe de levantamento de peso e a realização de entrevistas individuais com 8 atletas.	As atletas demonstraram tensionar algumas normalizações culturais de gênero, abrindo margem para a reflexão sobre a multiplicidade de feminilidades possíveis no campo esportivo e o estudo ressalta a urgência de debates acerca do assunto.
PIRES, Bárbara. (2021)	Pânicos de gênero, tecnologias de corpo: regulações da feminilidade no esporte.	Pretende sumarizar parte da gestão da feminilidade no mundo esportivo.	Uma revisão documental e bibliográfica de parte do histórico de gestão da feminilidade no esporte de alto rendimento.	A dificuldade de implementar procedimentos justos ou éticos que sustentem a investigação de corpos femininos para promoção de equidade esportiva esbarra na própria ansiedade em controlar o sexo/gênero das atletas.
GARCIA, PEREIRA. (2020)	A opinião de atletas e treinadores de voleibol sobre a participação de mulheres trans.	Objetivamos averiguar a opinião de atletas e treinadores de voleibol sobre a participação de mulheres trans no voleibol feminino a partir do caso da atleta Tiffany Abreu.	Pesquisa qualitativa, onde foram coletadas 38 reportagens do site esportivo globoesporte.com que tratavam sobre a participação trans no voleibol a partir do caso de Tiffany.	Embora tenham oscilações, é impossível desvencilhar a construção do discurso do grupo pesquisado do regime de sistematização aplicado ao universo esportivo da atualidade.



<p>EVANGELI STA et al. (2019)</p>	<p>“Os homens que odiavam as mulheres”: relações de gênero em jogos internos de uma Universidade pública.</p>	<p>Analisar a relação entre o gênero feminino e a cultura em um evento esportivo e cultural na cidade de Goiânia, a partir de um regulamento sexista amplamente divulgado nas mídias regionais.</p>	<p>O estudo é uma análise documental com o ranking disponibilizado por mídias sociais, visto que nele havia dezenove itens discriminados segundo os critérios de interesse relacional heterossexual durante os jogos realizados em uma Universidade pública.</p>	<p>Os dados demonstram um movimento no qual a relação de subalternidade de alguns grupos foi evidenciada e a virilidade masculina protagonizou o evento, de forma que se estabeleceram relações desiguais entre homens e mulheres.</p>
<p>CAMARGO, KESSLER. (2017)</p>	<p>Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica.</p>	<p>Tensionar o modelo esportivo mainstream a partir de considerações sobre a presença de corpos não legitimados, que insistem em existir e criam modos de participação em variados espaços esportivos, tais como campos, quadras, piscinas, pistas e tatames.</p>	<p>Faz estudo de experiências etnográficas no mundo esportivo, articulando dados empíricos e refletindo acerca da compreensão das implicações para o esporte mainstream da existência de corpos não normativos.</p>	<p>No campo esportivo existem corpos que apresentam alterações biotecnológicas, fisiológicas e hormonais, mas que rompem com a linearidade e impactam a construção de uma comunidade esportiva mais inclusiva, seja em modalidades como o futebol ou outras.</p>
<p>WENETZ, MACEDO. (2019)</p>	<p>Masculinidade(s) no balé: gênero e sexualidade na infância.</p>	<p>Analisar a relação de meninos e dança, a partir do caso do Rodrigo, especialmente identificando as condições de possibilidade</p>	<p>Foi realizada uma pesquisa de campo, com entrevista com os praticantes e feitas observações etnográficas.</p>	<p>A dança e o balé, ainda enfrentam desafios para a entrada e permanência na prática do balé por meninos, vinculados a questões de gênero e sexualidade.</p>

		que constituíram sua prática.		
ALTMANN et al. (2017)	Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos.	Apresentar os resultados e as análises dessa investigação no Brasil, no que se refere a práticas de atividades físicas e esportivas por parte dos gêneros em questão.	Utilizamos a metodologia de amostragem estratificada de conglomerados em dois estágios. No primeiro, foram selecionadas as escolas e, no segundo estágio, as classes, sem sub seleção de alunos dentro das classes.	Constatou desigualdades de gênero nas relações que os jovens estabeleceram com as atividades físicas e esportivas.
BOAVENTURA, VAZ. (2020)	Corpos femininos em debate: ser mulher na ginástica rítmica.	Apresentar aspectos de uma pedagogia dos corpos femininos que se materializa a partir da rotina de atletas e que tende a didatizar os movimentos e gestos técnicos, disciplinar e ensinar a sujeitar-se.	Realizaram observações de treinamentos e competições no interior de Santa Catarina, registradas em diário de campo e entrevistas com uma ginasta e duas treinadoras de uma equipe catarinense de GR, durante o período de 2008 e 2014.	observou-se que as diferentes questões referentes à educação do corpo feminino abordadas revelam sua existência como inscrição social e encontrou-se desdobramentos em que modos de ser ginasta vinculam-se a tipos de feminilidades, que nos permitem refletir sobre as diferentes formas de ser mulher nesse esporte.

Fonte: Elaborado pela própria autora, 2021.

A Educação Física por tempos foi vista e empregada com caráter de “correção”, fazendo com que os seus participantes aprendessem regras sobre o corpo, higiene e moral com suas práticas, servindo de base para que fossem repassados ensinamentos errôneos e rígidos, como relatam Jacoby, Goellner (2020) em seu estudo a respeito da distinção de gênero durante as práticas esportivas em um colégio militar, que visava a iniciação na cultura militar por parte dos meninos, usando as aulas de EF como preparação, na busca da criação de corpos sadios para o futuro. Com a entrada de meninas no colégio,

em 1989, vieram as questões de gênero, tendo como base o pensamento ultrapassado de que mulher não pode exercer as mesmas funções que os homens, causando assim a separação nas aulas, não só de gênero, como também de atividades, no qual as meninas só praticavam aquelas de menor intensidade, que condiziam com a educação feminina ideal, acentuando cada vez mais as diferenças.

As desigualdades são claras dentro do contexto escolar e na Educação Física é ainda mais notório. Altman et al (2017) retratam essa problemática em seu estudo, que apresenta a diferença significativa da frequência nas práticas esportivas, onde os meninos têm muito mais participação, e as meninas alegam não praticarem por não gostarem das atividades ofertadas, retomando o pensamento de que existe distinção de gênero nas modalidades, pelo fato dessa ideia estar enraizada e, ainda, dentro dos preceitos da sociedade. Corroborando com o estudo, So et al (2021), refletindo acerca de pesquisas realizadas, afirma que o gênero é um marcador que influencia muito no engajamento dos alunos(as) nas práticas esportivas, sendo consequência dos discursos tradicionais e segregacionistas criados e repassados. Complementando as constatações, Martins, Silva (2020) apontam que essa falta de oportunidade e de contato com as atividades, podem acarretar a desvalorização da área como um todo.

Solidificando este pensamento, Duarte, Castro, Nascimento (2021), trazem a argumentação de que para que esse componente curricular não perca a sua relevância e verdadeiro significado, é necessária uma instrução adequada. Assim, para que se possa lidar com assuntos importantes e delicados na sociedade, como as questões relacionadas a corpo, gênero e sexualidade, precisa de um docente capacitado e com uma bagagem de conhecimento atualizada, para ter meios de repassar os ensinamentos apropriados para os alunos, com o intuito de auxiliar na formação escolar, de romper preconceitos e vencer tabus.

A falta de conhecimento acerca de temas relevantes, muitas vezes expresso pelo silêncio, representa uma crítica expressiva sobre a formação e prática pedagógica, o que implica diretamente na reflexão acerca da ausência de investimento intelectual no processo de formação dos docentes. Como afirma Nascimento, Carolina (2018), a Educação Física possui uma dimensão

educativa imensa, ocupando um imprescindível lugar de fala no campo pedagógico e, conseqüentemente, é um instrumento de escolarização, com o intuito de se trabalhar a cultura corporal em diferentes vertentes. Porém, de nada adianta se invisibilizarem questões fundamentais que devem ser trabalhadas diariamente no ambiente escolar, pois o silêncio também é capaz de ensinar, sendo justificado pela falta de reconhecimento de saberes sociais, culturais e científicos, deixando claro que essa falta pode ser uma estratégia eficiente na escolarização, gerando conseqüências negativas. (NICOLINO, PARAÍSO, 2017)

Corroborando com os argumentos, Auad, Corsino (2018), trazem que o destaque da desigualdade se dá pelo fato de que o processo de repassar os ensinamentos é feito através de comparações, entre meninos e meninas, tornando o processo errôneo, pois o que se busca é a valorização das diferenças e a contribuição individual, contribuindo para a participação de todos, na formação do ser social e auxiliando na desconstrução da ideia de que o esporte é de fato sexista. Abordando a mesma temática, Pires, Bárbara (2021), afirma a dificuldade de se implementar meios mais justos para serem trabalhados na busca de uma equidade esportiva, sem ter o controle e gênero e sexualidade.

A escola tem grande relevância na vida de um indivíduo, é a partir dela que se aprende valores morais, culturais e preceitos que são levados e também transmitidos ao longo do caminho e sem o ensino a partir das ideias justas e corretas mediante a sexualidade, corpo e questões de gênero, ocasionará implicância nas ações futuras dos indivíduos, muitas vezes, formando pensamentos de que somente a heteronormatividade é o correto a seguir, ou que existe submissão de gênero em modalidades, causando, principalmente, conflitos internos, podendo gerar problemas maiores.

A maioria das pedagogias escolares são instrumentos heteronormalizadores e excludentes, tendo como base as normas regidas pela heterossexualidade, fazendo com que os indivíduos busquem se enquadrar nesses modelos binários, caso contrário, passarão por momentos traumáticos de preconceito. (GARCIA, BRITO, 2018).

Por questões como essas não serem trabalhadas da devida forma desde o período inicial de escolarização com os alunos(as), ensinando sobre a pluralidade e liberdade dos corpos, acabam tornando indivíduos com pensamentos rígidos e inflexíveis. O caso Tiffany, atleta trans de voleibol,

mostra como é difícil a inserção no esporte, por não seguir a heterossexualidade e ir em busca do que se sonha, dividindo opiniões e sendo alvo de diversos ataques. Em entrevista com atletas e treinadores, as opiniões divergiram, onde a maioria não foi de acordo com a participação de Tiffany, dando a justificativa de que ela, biologicamente e fisiologicamente, teria vantagem no esporte, por sua morfologia masculina, sua memória musculoesquelética antes da transição e suas habilidades acima da média para as mulheres cis. Debates esses que só reafirmam a dificuldade que pessoas trans enfrentam para se inserirem no esporte. (GARCIA, PEREIRA, 2020).

Segundo Deive, Fabiano (2018), atletas trans sofrem e são muito expostos de forma negativa no esporte, no qual são reconhecidas como desviantes, que desarmonizam a ordem binária do gênero. Ele argumenta a importância de temas como esses serem debatidos e tornados mais públicos e comuns, e de terem maior visibilidade em diversos contextos sociais, incluindo eventos esportivos, como as Olimpíadas, que tem bastante alcance e se torna uma ótima ferramenta para tematizar a diversidade, de gênero e sexualidade, para que pessoas que sofrem diretamente com essas questões, possam conseguir mais espaços e terem a valorização necessária.

Depois de muitos anos de luta para a conquista de um espaço, infelizmente, o esporte ainda é um ambiente de muita desigualdade. Soares et al (2018), aborda a diferença em uma modalidade específica, que é o levantamento de peso, onde as mulheres são postas à prova, não só no sentido de competição, como também tendo que lidar com as distinções de gênero, sofrendo ataques por seus corpos “masculinizados”, por ser um esporte para homens e por serem comparadas constante por seus resultados. Bem como, Wenez, Macedo (2019), retratam que o balé ainda é encarado na sociedade como “coisa de menina”, através do caso de uma criança, o Rodrigo, praticante da modalidade e amante da modalidade que, por mais que tenha o apoio dos pais, ainda é visto com indiferença quando se refere as práticas, só pelo fato de ser menino. Partindo do mesmo princípio, Boaventura, Vaz, (2020) discorrem acerca da ginástica rítmica, que é conhecida por sua leveza e fluidez nos movimentos, remetendo a feminilidade, tendo o corpo como um objeto, no qual não se pode ter marcas, estrias, celulites, não pode ter flacidez e deve sempre estar com o peso “adequado” para a performance, trazendo a ideia de perfeição

que se relaciona diretamente ao feminino, corroborando com os pensamentos trazidos por Evangelista et al (2019), apresentando essas diferenças nos gênero, como a mulher é feminina, doce, bem cuidada, já o homem é mais forte e superior.

Porém, deve-se entender que as atividades são praticadas pelo corpo, que é muito mais do que uma construção biológica, que não se busca uma explicação, é algo para ser explorado em todos os seus quesitos, assim como o gênero que vai além de conceitos, preceitos seguidos e de um produto do capitalismo. (CAMARGO, KESSLER, 2017)

Trazendo esses argumentos, é importante ressaltar que no esporte, vários aspectos interferem no resultado final e sucesso, como as habilidades e o desenvolvimento de cada uma delas, domínio de técnica, tática, preparo físico e psicológico, interferências do meio externo e diversos outros fatores que não se limitam somente a taxa hormonal, masculinidade ou feminilidade, retomando a discussão de que nesses casos se relacionam muito mais com a questão da distinção, heteronormatividade no esporte e de preceitos e preconceitos instaurados nesse espaço, do que o desejo e sonho da pessoa propriamente dita e o critério de inclusão.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nas análises realizadas dos artigos, pode-se ressaltar que, a desigualdade ainda é um problema presente e muito complexo para se ter resolução imediata, deixando claro que essa desconstrução é para ser feita cotidianamente, através das maneiras possíveis, tendo a Educação Física como um desses aliados, afinal, é um meio que esses preconceitos e diferenças ainda são naturalizadas, principalmente nas práticas esportivas.

Não se pode moldar os esportes a partir da distinção de masculino e feminino, as práticas estão para além de gênero, sexualidade, de heteronormatividade e de conceitos firmados, isso é o que se deve considerar, pois a ciência está avançando e transformando corpos, trazendo uma nova realidade a ser abordada e cobrando da sociedade também essa adequação, pois os tempos estão mudando e não se pode para nele. Essas discussões servem para afirmar que os corpos podem sofrer alterações, porém a mente ainda não se consegue mudar rapidamente para que evolua o pensamento retrógrado, para isso é necessário um processo de aprendizagem moral, cultural e social, que acontece de forma lenta, mas que é de fato eficiente.

## 6 REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Educação Física Escolar: Relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.

ALTMANN, Helena. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**. vol. 26; 2017.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano N. **O professor diante das relações de gênero na educação física escolar**. Cortez. São Paulo, 2017.

AUAD, Daniela; CORSINO Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física escolar. **Revista Estudos Feministas**. 2018.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.

BOAVENTURA, Patrícia; VAZ, Alexandre. Corpos femininos em debate: ser mulher na ginástica rítmica. **Revista Movimento**. Porto Alegre. vol. 26; Fev. 2020.

CAMARGO, Wagner; KESSLER, Cláudia. **Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica**. Horizontes Antropológicos. 2017.

CRUZ, M. M. S & PALMEIRA, F. C. C. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar**. *Motriz*, Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, jan./mar. 2009.

DEVIDE, Fabiano. Educação Física e sexualidade: desafios educacionais. **Revista Estudos Feministas**. Ed. Unijuí, Ijuí. Set. 2018.

DUARTE, Gustavo; CASTRO, Felipe; NASCIMENTO, Thaianie. **Gênero, sexualidade e formação em Educação Física: percepções de professores e alunos em um projeto na escola**. *Educación Física y Ciencia*. vol. 23; n. 1; Fev. 2021.

EVANGELISTA, Kelly Cristiny et al. **“Os homens que odiavam as mulheres”:** **relações de gênero em jogos internos de uma universidade pública**. *Educação Temática Digital*. São Paulo. vol. 21; n. 1; p. 3-22; 2019.

EVANGELISTA, M. H. S; MACHADO, B. P; FRANCO, N. **Sexualidade e Educação Física escolar nos periódicos brasileiros (1979-2018)**. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-21, abril/junho, 2020.

FINCO, D. **Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil**. *Revista Múltiplas Leituras*, v. 3, n. 1, p. 119-134, jan. jun. 2010



FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. 8ª Ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: História da violência na prisão**. 27ª Ed. Petrópolis, Vozes, 1987.

GARCIA, Rafael; BRITO, Leandro. Performatizações *queer* na Educação Física escolar. **Revista Movimento**. Porto Alegre. vol. 24; n. 4; p. 1321-1334; Dez. 2018.

GARCIA, Rafael; PEREIRA, Erik. **A opinião de atletas e treinadores de voleibol sobre a participação de mulheres trans**. *Revista Movimento*. vol. 26; Set. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JACOBY, Lara; GOELLNER, Silvana. A Educação Física em uma escola militar: de turmas separadas por sexo e por altura a turmas mistas. **Revista Movimento**. Porto Alegre. vol. 26; p. 01-13; Abr. 2020.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LOURO, Guacira L. et al. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINS, Mariana; SILVA, Bruna. Incorporar meninas nas aulas de esporte: pensando possíveis articulações entre os estudos de gênero e a pedagogia do esporte. **Revista Pensar a Prática**. vol. 23; 2020.

MINAYO, M. C. S. (Org.); DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O. GOMES. R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 34. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

NASCIMENTO, Carolina. Os significados das atividades da cultura corporal e os objetos de ensino da Educação Física. **Revista Movimento**. Porto Alegre. vol. 24; n. 2; p. 677-690; Jun. 2018.

NICOLINO, Aline; PARAÍSO, Marlucy. Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação Física. **Revista Movimento**. Porto Alegre. vol. 24; n.1; p. 93-106; nov. 2017.

OLIVEIRA, G; CHEREM, E. H. L; TUBINO, M, J. G. **A inserção histórica da mulher no esporte**. *R. bras. Ci e Mov.* 2008; 16(2): 117-125.

PLAZA, J. P. **Os gêneros do corpo: para começar a entender**. In: GONÇALVES, Eliane. (orga.). *Desigualdades de gênero no Brasil: reflexões e experiências*. Goiânia: Grupo Transas do Corpo, 2004.

PIRES, Bárbara Gomes. Pânicos de gênero, tecnologias de corpo: regulações da feminilidade no esporte. **Revista Estudos Feministas**. vol. 29; n. 2; 2021.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação Física e Esportes: quando a diferença é mito**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, v. 20; n. 2; p. 71-99; Jul/ Dez., 1995.

SO, Marcos Roberto et al. Gosto, importância e participação de meninas e meninos na Educação Física no ensino médio. **Educación Física y Ciencia**. vol. 23; n. 1; Fev. 2021.

SOARES, João Paulo et al. Performatividades de gênero e a abjeção dos corpos de mulheres no levantamento de peso. **Revista Movimento**. Porto Alegre. vol. 24; n.1; p. 107-118; Mar. 2018.

WENETZ, Ileana; MACEDO, Christiane. Masculinidades(s) no balé: gênero e sexualidade na infância. **Revista Movimento**. Porto Alegre. vol. 25; Dez. 2019.